

QUINTA-FEIRA
Lisboa--24 de Março de 1932

51^o ANO
TÓES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

305

sempre

fixo

**semanário
humorístico**



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

A resolução do problema do desemprego

(Entrevista com o poeta - matemático Nunes da Mata)



Ou moderamos já o nascimento
Dos viventes humanos imperfeitos,
Apurando os restantes com talento,
De modo a serem todos bem perfeitos,
Ou este infeliz Mundo em desalento,
Com seus tremendos erros e defeitos,
Aflito tombará em gembundo
Vil esleitor maléfico iracundo!

Se a limitação, para ser feita,
Recorrer necessita à medicina,
Esta que avance, atenta e satisfeita,
E que proceda enfim com disciplina.
A esterilização tem sido aceita,
Visto ser de uso fácil sem malina;
Porque já é a valer se não emprega,
Da miseria evitando a cega-rega?

Se tudo neste Mundo em barda havendo,
Por toda a parte ha fome e desemprego,
Quando faltar o pão em modo horrendo,
Petroleo fumarento e seu emprêgo,
Nem este nem carvão os homens tendo,
Se não estou dormindo ou sou patêgo,
Digam-me, sem rodeios e com franquesa,
O que será da Terra a vâ grandesa?

O POETA:—O meu processo é infalível. O desemprego acabará. Como vê, "não estou dormindo nem sou patêgo."

O JORNALISTA:—Pois não. V. Ex.ª está tão acordado e é tão esperto, que "Mata" é esfola, antes mesmo de nascerem, os "Viventes humanos Imperfeitos"!



Os ditos da semana



Por amor Una rainha de beleza, a menina Horikawa, foi há dias caçada quando andava a caçar pratas e joias, com uma quadrilha de ladrões nos arredores de Brunn, na Checo-Eslováquia.

Interrogada pela polícia, declarou que recrutava os seus cúmplices entre os seus admiradores, isto é que foi naturalmente sugerida por qualquer apaixonado que, vendendo desejado, lhe tivesse dito num profundo transe de paixão:

— Por sua causa até era capaz de roubar.

A pequena pegou-lhe na palavra e eles ai vão. Pelo caminho foram aparecendo outros admiradores e o casal inicial passou a bando e o bando a multidão.

Todos aqueles bandidos de amor andavam tal qual como a pescada que antes de ser já era presos pelo beicinho.

Por amor tudo se faz.

Só assim se comprehende que gente de bem, filhos de boas famílias e homens honrados se transformassem tão rapidamente em salteadores, de banimento aperrado para o assalto à vida e à propriedade de cada um.

Não, porque eles iam armados.

Pudera. Naturalmente até se armavam uns aos outros.

O ladrão e o polícia Dois garotos espanhóis, brincando ao "ladrão e o polícia", tomaram os seus papéis tão a sério que um deles foi buscar a espingarda do pai e, ignorando que ela estivesse carregada, desfechou-a sobre o outro, matando-o.

Não diz o telegrama que traz a notícia qual deles fazia de ladrão, mas para o caso tanto faz.

Desarmamento Segundo rezaem as crónicas, Portugal fez um figurão na conferência do desarmamento.

Nenhuma potência se apresentou com mais piedosos intentos, nem manifestou mais sinceros desejos de paz universal, embora declarando os nossos delegados que Portugal não se achava disposto a desarmar mais.

Os delegados de outros países ainda tiveram suas pretensões, procurando conseguir que alguns países metessem no fundo um certo número

de cruzadores e sub-marinos, mas nós, sempre firmes nos nossos propósitos, declaramos perentoriamente:

— Nós não podemos desarmar mais, não podemos meter mais nada no fundo. Não desarmamos.

E assim ficou a coisa arrumada.

O que nos admira é que as potências não tivessem medo...

China-Japão Ha dias apareceu nos jornais a notícia de que se tinham roto as negociações de paz entre a China e o Japão.

Como, quando se anunciava o termo das hostilidades, rerudesciam sempre os combates, imaginamos que, por maioria de razão, rotas as negociações, chineses e japoneses acabassem por se estrangular.

Qual não foi, porém o nosso espanto, quando, no dia seguinte, nem notícias da guerra do oriente apareceram na imprensa.

A avaliar por esta amostra quasi estávamos em garantir que se eles declarassem a

guerra com todos os matadores (isto é que é propriedade de linguagem) imediatamente se calaria o canhão e uma paz eterna reinaria no oriente.

E se eles experimentassem...

lhihh!!!... Telegrama de Toledo anuncia que noventa por cento da população de Mentruda se encontra atacada de gripe.

Noventa por cento? Tanta gente? Não será isto uma espanhola? Se calhar é mentrida.

Goethe Para o mês que vem celebra-se o aniversário da morte de Goethe.

A Universidade de Lisboa festeja o acontecimento com uma sessão solene.

Os jornais darão a notícia circunstanciada do facto e 90 por cento da população pensará atonita e curiosa que esta coisa de Goethe é de dar no góto.

O que será?

Do estrangeiro O que nos vale é o estrangeiro. Ele nos manda o bom cheviote, as campainhas eléctricas, o queijo flamengo, o Champanhe, as fitas de cinema e alguma notíciasinha para comentar, porque por cá a pobreza é franciscana.

Vá lá esta:

RONDA, 17. — Na residência da viúva Paz Guardia entrou um indivíduo de nome Francisco Aguilera, na intenção de roubar. Ao gritos da criada, o malfeitor disparou um tiro de pistola contra ela, ferindo-a numa perna. Acudiu a polícia, travando-se vivo tiroteio. Ficou ferido um rapaz chamado Miguel Toranzo. O malfeitor foi preso, por fim, tendo a polícia grande trabalho em salvá-lo das iras da multidão. — (Especial).

E passa-se uma coisa destas mesmo na Ronda! Então a ronda andava a dormir na forma? Mas há melhor, porque a notícia tem qua quer coisa de paradoxal. Então a polícia andou aos tiros contra o Aguilera e correu depois a salvá-lo quando a população lhe queria ir ao pelo?

Dar-se-há o caso de serem aqueles tiros a forma mais prática que tem a polícia espanhola para fazer carícias aos delinquentes?

Naturalmente a polícia de Ronda é como aquele marido que indo encontrar a mulher a ser sovada por uma vizinha, a primeira coisa que fez foi aplicar-lhe uma segunda sova mestra, acompanhando a sua faina das convenientes explicações:

— Toma, toma e toma que é para saberes que aqui só eu é que posso bater.



Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas à razão de:

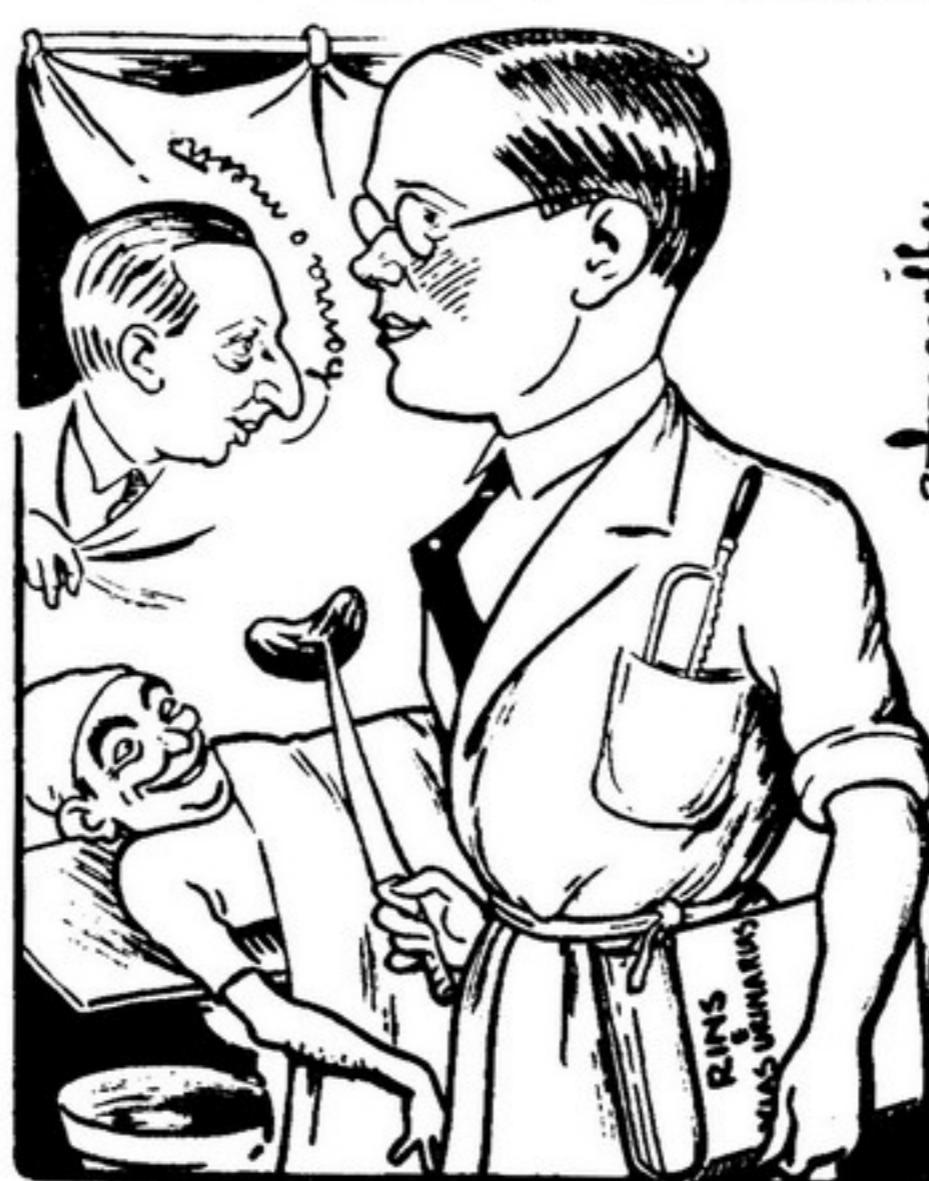
Continente e ilhas...	Ano: 26\$00
	Semestre: 13\$00
	Trimestre: 6\$50

Colônias portuguesas.	Semestre: 15\$00
	Ano: 30\$00

Estrangeiro.....	Ano: 34\$00
------------------	-------------

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anúncios Isto agora, é, por tabela.



Cirurgião nobre no nome e no saber. O verdadeiro diplomata da medicina nos Países Baixos...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

MUDOU o tempo e os ares mudaram também pelo Parque Mayer.

— A companhia do Maria Vitoria vai ao Porto representar *O Meritão*.

— A companhia do Maria Vitoria dissolve-se e, portanto, não vai ao Porto fazer *O Meritão*.

E como estas há muitas notícias assim todos os dias,

Afinal, em que ficamos?

Por enquanto ficamo; a ver em que param as modas.



OS fatores já repararam na mania com que anda o Vasco Santan.

Primeiro foi *O Menino*,

Seguidamente foi *O Filho das Erras*, *O Pai-Mãe* e agora *A Menina do Côro*, anunciando já para breve *O Pai da Creança*.

Está provado.

O Vasco ou quere ser filho ou quere ser pai.

Se calhar, até quere ser as duas colas.



O Politeama tem agora em cena *O Martir do Calvario*.

Não é o Luiz Pereira, com toda a certeza...



A Estrangeirinha finou-se. De nada lhe valeu.

Nem a carta inserta em *A Revolução*.

Onde se prova que as revoluções de nada valem...



POR causa do Armando de Vasconcelos levar no Porto *A Frasquita*, segundo dizem, com êxito, alguma por cá tem feito referências menos agradáveis à peça e aos interpretes.

A esse alguém já le chiamam a *frasquita*... de veneno.



O teatro Apolo vai levar a cena a comédia *Quarto Azul*.

Os reclamos trazem o rótulo de que as comedias são impróprias para senhoras, crianças e militares sem graduação.

Que diabo se passará no tal quarto azul para ser necessário colocar aquele aviso?



VOLTA a falar-se na *Senhora a Saudade*.

Quando menos se espera, aparece a opereta sem ninguém dar por isso. Mas representada é que nunca mais a vemos.

Já é azar!

E agora, é tido, que, ao que nos dizem, a protagonista será desempenhada por uma actriz posta em destaque por um fonofilme.

Está mesmo a dizer quem é. E para melhor poder representar e cantar a musica da opereta, que é difícil, agarrou-se à partitura e já a empinou toda.



O Armando Machado tolera que lhe cortem tudo, menos a *engrenagem* placa do Ghandi...



ESTÁ para breve uma grande reconciliação, e será pública, reunião se afirmá.

O caldo, requerendo já nos chás, porém, é esfumado.



CHEGOU a companhia da Hortense, e vem carregada de bananas e ananazes... Assim que entrou no Parque e lhe acenaram com o Capitolio, o Pombal, disse logo:

— Livrai...



E se experimentassem, no Capitolio, o Climaco com as *Rosas de Portugal*? Talvez desenquadrasse e fizesse carreira.



A Carminda Pereira lá vai até ao Brasil. Como ela é muito mo-

rena, deve fazer um grande sucesso.

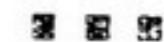
Digam depois que a cor não tem influencia!



CERTOS jornais conservadores empolgaram numa campanha contra o Ciclone, acusando-o disto e disto, e do mais que só eles sabem, mas naturalmente por não verem coisa nenhuma.

Alvitrados do Ribeiro Monteiro que, depois do Ciclone, representou *Os Crimes da Inquisição*.

Talvez eles... gostem assim.



O nosso simpático Carlos Leal já está a fazer as malas para ir ao Brasil.

Que vá e volte depressa trazendo um papagaio para o *Fico*.

Ouviste, ó *Viroscas*?



O Ciclone está a esgotar as loações!

Não admira! Com aquele reclamo dos jornais católicos!

E de graça...

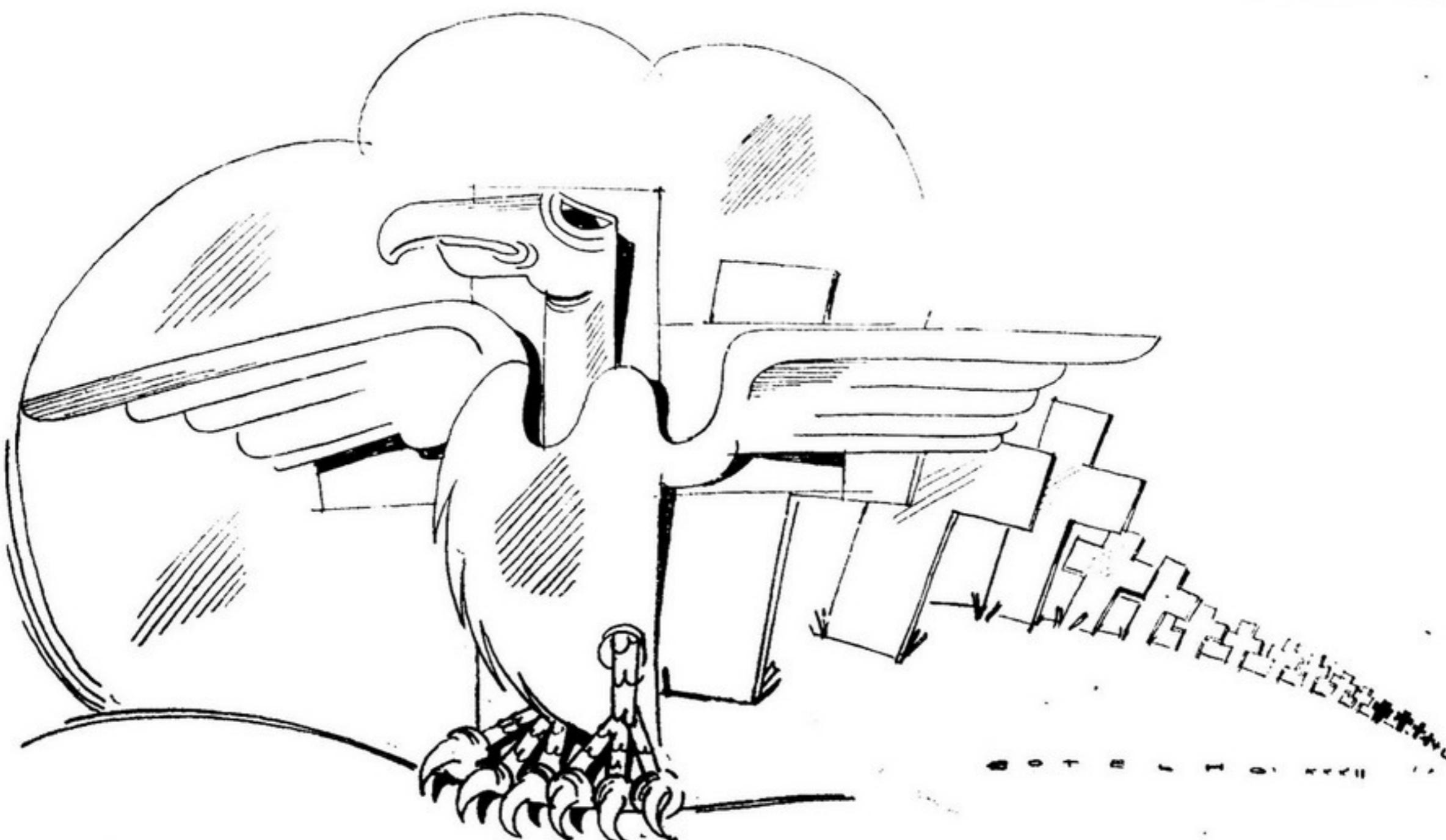


VAMOS ter o *Bailarino*.

Não devem faltar os pares.

Se contarmos com os autores, já ha, pelo menos, dois...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



O que poderia significar para a Europa o triunfo de Adolfo Hitler...

Uma judiaria

Dá-lhe-lhe dum calor insuportável, dois judeus caminham dum terreno para outra. Um leva as mãos a abanar, como costuma dizer-se. Em compensação, o outro leva um casaco de peles no braço, que grandemente o incomoda.

— És capaz de me emprestar um mil reis, David?

— Não te sangues comigo, Levy; empresto mas com a condição de me daras qualquer coisa como fiador.

David explica-lhe sobre o seu casaco de peles.

Está bem...

David recusa-se com mil resmungos no casaco.

E quando chegam ao fim da viagem, diz o David:

— Levy! Agora tens os teus mil reis e eu te devo o espaço.



— Eu nestas coisas de aviação ainda sou apolo-gista dos balões. Têm mais conforto e além de eletri-cidade também têm gás!

O baile dos Pintalgayas

A noite, à volta da meia-noite, estava no auge do entusiasmo, e tudo girava em rodeio, ao som dum jazz de pretos, tão autênticos como a nobreza das Pintalgayas. Joanninha, a mais velha, fazia as horas da casa e dançava com as pessoas de maior consideração, rassando sensivelmente nos braços do Chico Lindoso, gerente, com Jerônimo Pintalgaya, do Banco Continental e Insular, para os de Manoel de Lemos, filho do ministro das Finanças Soares de Lemos e uma das grandes esperanças políticas do regime — ou para os de D. Alonso del Rio, jovem ministro da república de Andorra, acreditado em Lisboa. Muito versada em literatura, Joanninha amava, sobretudo, os franceses, e sabia de cor páginas inteiras da *Gargonne* e poesias completas da condessa de Noailles. Micas Pintalgaya, a mais nova, também se sensagava profundamente à literatura; mas a sua paixão era D'Annunzio. Só Margarida Pintalgaya, a do meio, para justificar o velho adágio latino *In medio iuris* não apreciava as letras; preferia-lhes o cinema. Sabia de cor os nomes e a vida íntima de todas as estrelas masculinas e femininas, da sétima arte. Tinha uma coleção magnífica de fotografias e de autógrafos recebidos diretamente de Hollywood; e, não fossem os preconceitos da sua raça e a lembrança dos antepassados, Margarida, que além de cineasta era fotogenica, já teria feito as malas e partido para Cinecittà.

Das três irmãs, era Micas Pintalgaya a que mais e melhor sentia pulsar o coração. O poeta Simeão Florencio, pelo seu talento pela sua elegância, pelo seu doce falar — Micas estava saturada de ouvir calão à sua volta — constituiu para elas o tipo de marido ideal. Se Micas podia amar alguém — era o poeta Florencio, D'Annunzio com ela, cujos dedos eram estilizados como galos golicos, e cujas unhas lembravam pétalas de rosa. Havia, assim, entre Micas Pintalgaya e Simeão Florencio, mais do que uma afinidade espiritual: havia, também, uma afinidade estética que profundamente os ligava.

Além do que, Florencio, como poeta, não falava calão: a sua linguagem, mesmo para traduzir as coisas mais simples e os sentimentos mais futeis, era *imageé*, rica de timbres, de sonoridade e de cor. Por vezes, ouvindo falar Florencio, dir-se-hia que estavam na ópera, onde, para dizer que a porta está aberta ou fechada, a garganta atinge os dominios do sublime.

Vejam, minha querida amiga, não vai a algidez da noite quebrar o timbre doce da sua voz...

— Meu irmão em beleza — respondia Micas Pintalgaya — não se conturbe, cuide apenas de salvar a sua alma.

Assim falavam, brandamente, docemente, ternamente, aquecidos ao fogo interior da sua paixão, escondidos do mundo, a um canto do jardim de inverno do Tejo, quando Frederico de Macedo, amado pelas raparigas por ser um estoira-vergas que não tomava a sério nem o amor nem a vida — subitamente lhes apareceu, seguido por um numeroso grupo, para perguntar:

— O Florencio! Você que faz versos, conhece aquela versalhada do grande poeta Julião sobre o amor moderno?

Florencio, que mais do que a propria Micas Pintalgaya ficara perturbado com o aparecimento, no seu retiro espiritual, daquele grupo de iconoclastas, respondeu com a maior calma que lhe foi possível, reum:

Não consegue, meu bom amigo. Mas parece-me que o ilustre poeta Julião nunca tratou do amor moderno: fez-o pelo século XVIII, farto em aventuras galantes...

— Você é trouxa! — disse-lhe um dos do grupo. — O Frederico, reita lá a versalhada!

Frederico de Macedo, então, avançando um passo e com o pesto eloquente e sobrio dum aluno do Conservatorio, declamou: — não

me permitirei ter prevenção de que se tratava dum diálogo:

Ela

Caiu a noite, não dormiu.
Tem sono, fome, dor, vento.
Pois vai dançar em pantanal
Com todo este tormento.

Ela

Põe em risco a alguma doença
O estrejo nos arrebatou.
Manda-lhe os butos com pena
Pelo aberto da pimenta.

Ele

Entrou e entrou, cada umba.
Certe avião a te sustentar.
E a peste vai se piser.

Ela

Não percebe desespero.
Pra quem sempre todo o que
ocorre a cabeça no ar.

Tomando a defesa ao eminentíssimo poeta Julião — da Academia — como se fosse feita a si proprio, Florencio tomou uma atitude digna, e disse para Micas Pintalgaya, enquanto a assistencia ria a banderas despregadas:

C'est affreux, n'est-ce pas? O ilustre poeta nunca escreveria uma coisa assim...

— Escriven, sim, senhor! — replicou-lhe, num belo, Frederico de Macedo. Até vem na selecta do leão. E você não me desminta, hein!

Micas Pintalgaya não podia mais. Um tal insulto à dignidade



— A torre de Belém não bombardeavam eles. Está sempre também rodeada de fumo!

Reciprocidade

O duque de Norfolk era madrugador como um passarinho. O seu grande prazer era partir de casa ao romper do dia e dar um longo passeio a cavalo — durante algumas horas.

Uma manhã, bastante surpreendido, encontrou o duque, dentro das suas propriedades, um campainha.

— Bom dia, sr. duque! — disse o boy, com ar bastante comovido. — E... que traz o sr. daque aquela a estas horas?

O sr. de Norfolk, lindo, respondeu:

— Venho passear um pouco de manhã para o almoço. E tu, que fazes nas minhas terras a uma hora destas?

O camponês levantou num instante, encorajando-se de coragem, recorreu ao lenço, limpou o rosto, desceu da capa:

— Eu sei bem que o sr. duque se perde; venho procurar um almoço para o meu apetite...

da Poesia, na pessoa de dois grandes poetas — Florencio, poeta da Decadência, e Julião, poeta da Academia — transcendia as suas fronteiras; e, num momento de exaltação, excedendo D'Annunzio, Micas Pintalgaya envergou-se perante Frederico, pôs-se em bicos dos pés, e pritou-lhe face a face:

— Olha lá, o menino. Não te faças parvo, seião levas uma trôlha quinhenta mas!

Momentos depois, Florencio passava sosinho no jardim, em passos lentos e graves, as mãos nos bolsos do smoking, procurando na noite o esquecimento e o balçano para a chaga aberta no seu espírito pela brutalidade de Frederico de Macedo. Fatigado, pôs-se, o poeta sentou-se sobre um velho banco de pedra, à sombra de uma oliveira em flor. A lua corria no céu, pondo no Tejo cintilações dignas do manto da Salomé. Florencio absorvia a sonambula beleza da noite, o cotejelo firmado nas costas do banco, a mão diafana amparando-lhe a cabeça meditabunda, os olhos em alto. Assim estava o poeta, sonhando, quando Micas Pintalgaya surgiu deante dos seus olhos, misteriosamente decotada.

— Meu doce poeta — disse-lhe ela, caindo-lhe aos pés, de braços abertos, a cabeça erguida para Florencio, num agonia d'alma — meu doce poeta como eu te amo!

Florencio estremeceu, mas ficou silencioso. Micas insistiu:

— Meu querido amigo, recebeme nos teus braços!

E Florencio silencioso.

Meu sol, minha vida, dê-me o calor das tuas mãos à sombra do teu rosto!

Mas o poeta meditava.

— Meu irmão em Beleza, penso em ti, sem interrupção, em todos os instantes da minha vida. Desejaria ser tua, passar dias inteiros junto de ti, viver contigo... Se quizeres, serás boa, terás, milgras... Dir-te hei: todo os meus pensamentos; serás tua amiga e tua irma! Tornar-me hei perfeita, para ser digna de ti; e tu terás o orgulho de pensar que tudo quanto sou a ti o devo. Parecer-te-há, assim, que sou mais intimamente tua, e que me amarás cada vez mais. Será então uma vida de amor como nunca se viu!

E Micas Pintalgaya deixou cair a cabeça sobre os joelhos do poeta. O seu peito arfava, na ansia de se entregar. E o poeta, até então silencioso, afagou-lhe os cabelos com os dedos estilizados e murmurou, por entre os labios vermelhos como pétalas de rosa:

— Minha espiritual Irmã, infinitamente sou escado...

MYSELF.

Elevador da Glória

Na sala:

O pai: — Não comprehendo porque não queres trabalhar! Não queres ser carpinteiro, pedreiro, tipógrafo! Que ofício queres então?

O filho: — Olha para aquele automóvel.

O pai: — Já sei, queres ser chauffeur!

O filho: — Não! Deveria ir para dentro...

* * *

Num balcão:

— Aquelas mulheres são muito patentas! São primas?

— Não! Vão ao cinema, desfile de Elegantes...

* * *

Entre dois homens:

Vou para o cinema, mas só quando tiver dinheiro, só quando tiver dinheiro, só quando tiver dinheiro...

Muito obrigado! Até logo, com proveito da estrela...

* * *

Excentris doidos, amigas:

— Porque presidente é só de piano?

— Para que imprensa delle se apresentar...

* * *

Eles: — Eu voltei a casa de vida, tu disseste sempre triste, mas certo.

Ela: — Quantas!

* * *

No Teatro-estrela:

A senhora do acasalamento: — Quem?

O diretor: — Um rapaz com uma mulher!

O primo: — Faz-te o favor, Alice, a mulher...

* * *

A mãe: — Não é que hei de fazer ao sujeito? É tu cada vez pior!

A filha mais cedra: — Mamã, não te fazes? Tudo é mentira de Farfado...

* * *

A patrícia: — Creio que nos vamos dar muito bem!

A cecinha noiva: — Ah sim! A senhora é simpática...

* * *

O pai: — Mas que indague a este? Dois problemas difíceis e ambos bem solvidos!

O filho: — Que queres, papai! Tu não estavas em casa...

* * *

Ela: — Estás assim tão cansado da vida que se queria suicidar?

Ela: — Absolutamente!

Ela: — E que meio de suicídio escolheu?

Ela: — Um rale em um terramoto!



A criança: — Dê-me cinco tossetinhos para a ajuda do cinema!

O empresário teatral: — Para ir ao cinema? São estas e outras as culpas das minhas crise...

O pai dos meus filhos

Há longo tempo que Diogo Cabrita andava desconfiado de que a sua cara-melada lhe roia no matrimónio como quem röe numa mäosinha de vaca.

Cabrita, hipnotizador cheirado, que correria meio mundo a adormecer comparsas de circo e a ensinar a ingenuidade do público, estabeleceu a sua residência, feste da vida nomada, em Lisboa, onde deixara a arte de Chafalo, para se dedicar à de empregado público. À noite, o nosso homem trabalhava no seu antigo *offic* num clube mediocre da cidade, onde o «espertinho» publico o aturava na sua negligéncia, lhe sinalizando e apelidando.

A sua profissão era a de «chefe», ou seja, o «chef» da turma de jardins, ou seja, *babuscas*.

Sua «abilitad» decidiu-o. Ofelia, que se havia de tornar a «mãe» de Cabrita, não se importava com a sua profissão de «babusca», nem sequer pelo seu «chefe» e «chefe» de «babuscas».

Ofelia tinha um sonho de ser pintora e seu malogro consistiu em pintar e ter a cara-melada lhe röe. E querer-lhe que fosse esse o seu ofício, porque para o «chefe» de «babuscas».

Ofelia tinha alma de artista, amava o verso, a poesia, e o seu ofício só lhe falava gurus da literatura de cifco, com canibalistas medias, selfimbaixões e malabarismos chineses.

O ateli, apesar de criado de mesa, era um sujeito *rufin* que escrevia o verso, a poesia, e o seu ofício só lhe falava gurus da literatura de cifco, com canibalistas medias, selfimbaixões e malabarismos chineses.

Deste modo, apesar de criado de mesa, era um sujeito *rufin* que escrevia o verso, a poesia, e o seu ofício só lhe falava gurus da literatura de cifco, com canibalistas medias, selfimbaixões e malabarismos chineses.

MANFREDO CASCA-GROSSA.



— Faz como eu que tenho 200 contos de economias!

— Como fez o tio isso?

— Durante um ano puz dois contos de parte; o resto herdei-o

Modo de criar perús

TELHADO. 15.— Querendo ou criar «perús» e perguntando aqui, na Casa da Saúde de Algueirão, como e que esses bando de *ores* se *criam*, ensinaram-me, primeiro, que, dando uma azeitona logo que *nassem*; que com uma laseca de bacalhau crú e o comerem à mão; ou com pasteis de camarão com salada de alface. Vou talvez mais pelo segundo conselho, porque o ultimo é que não creio ter alguma vantagem para estimular o apetito digestivo dessas *dves*.

O primeiro conselho servirá de aperitivo para um *litro* e o seguinte a complemento para o *garrafão*. E a perúa ficará, estou certo disso, satisfeita.

Agora, aqui, muito à puridade, vou perguntar aos leitores do impagavel *Sempre Fixe* qual é alimentação dos primeiros dias.

Pós de uvas, quando a crise dos

picanas que lhe cozinha as medidas do seu tirismo.

Mas, o nosso Cabrita, apesar de hipnotizador e adepto do truque, não conseguia descobrir o truque. Reparava que o primo era assíduo aos jantares, e que, quando ele saía para o seu emprego no *club*, a mulher intervinha e protestava por não deitar mal de palavras.

No entanto, o nosso Diogo Cabrita apaziguava as suas duvidas quando a cara-melada lhe deu a impressão de dois gênios, leitos que vieram encher de luz o céu negro da sua alma acislada.

A visita do primo continuava, agora com o objecto de ensinar que significa a Ofelia e de lhe fazer ser o seu *babuca*. Falei-lhe de Cabrita, que queria imponer a todos que o «chefe» de «babuscas» era o seu «chefe».

Diogo, Ofelia, disse que o «chefe» de «babuscas» é o homem que quer tu ser.

E o Diogo, só para que o «chefe» de «babuscas» fosse o seu «chefe», quis que o «chefe» de «babuscas» fosse o seu «chefe».

— E é o meu vosso filho!

Cabrita rejeitou e acordando a mão, e esfregando muito a sua cara, num perpétuo efeito de humor.

— Oh! meu amor! E estás cheia e devia de que tu é o primo...

Desde esse dia, nova sono Cabrita dividiu de Ofelia, continuando o primo a falar no *Bafos* e a ensinar muitas coisas a Ofelia.

MANFREDO CASCA-GROSSA.

Graça dos outros

Entre amigos:

— Para ocupares esse lugar tens que depositar uma fiança!

— Para quê, se sou um homem honrado?

— Isto é possível, mas depositando-a, escava de o ser.

* * *

Entre amigos:

— Meu marido está cada vez mais desarrumado.

— E o meu também. Imagina que está montado belo a eriada e a mim devo-me este dia para prestar a ele.

* * *

Entre amigos:

— Gostei tanto da tua nova pescaria!

— O meu também. Não sonhou.

— Gostei tanto — disse eu — da tua nova pescaria isso uma infinidade de vezes. Sempre que aqui passo!

— O meu também. Nunca já me esqueci.

* * *

Nas provas:

— A criada — O impedido que me vendeu estava storado.

— O dono — Que quer? Tivesse-o comido antes. Ha 15 dias que lhe vendeu a criada.

* * *

Entre amigos:

— A minha mulher contradiz-me tudo quanto lhe digo!

— Olha! Diz-lhe que ela tem razão.

* * *

No tribunal:

— O juiz — Quantos anos tem? Sabe que a lei obriga-a a dizer a verdade sob pena de multa!

— A querida — Eu só posso garantir que é...

* * *

António — Eu só casarei minha mulher dois meses antes de casar!

António — E eu só conheci a minha dois meses depois...

* * *

Jogo, loteria:

— Pois que não joga?

— Não, muito obrigado! Emburro com os jogos de azar...

— Mas aqui não há azar. Todos fazemos jogos!

* * *

A maria — Minha filha, o teu irmãozinho está muito triste por te ter quebrado a boneca!

O petró — Se a mãe me deixar, dou-lhe um estalo e perdo-o-lhe tudo!

O freguês — O que eu desejava era ver ao perto...

A empregada do ocultista — Pois está mal. Só se for de grande alcance...



A criança: — Dê-me cinco tossetinhos para a ajuda do cinema!

O empresário teatral: — Para ir ao cinema? São estas e outras as culpas das minhas crises...

Fica aguardando a resposta

TELHUDO

Cacharolete

Como de há muito me lês e o meu criterio admiras, preguntaste-me o que penso do Concurso de Mentiras, que, com o concurso amavel de encantadoras artistas, está agora organizando a Caixa dos jornalistas.

Eu bem sei que corre a fama, entre os «assiduos leitores», de que muitos jornalistas são eternos impostores, p'ra quem o canard, o boato, a pala sensacional, são tão frequentes que as dizerem com o ar mais natural.

E um Concurso de Mentiras, criadas por jornalistas, poderá desenvolver impressões tão pessimistas.

Em primeiro lugar, penso que não existe razão p'ra se ter dos jornalistas uma fatal opinião. Deixemos falar quem fala, conservemo-nos serenos, que, apesar de tudo, somos ainda quem mente menos...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Paula da Cruz e Meireles assim se chama a duqueza de Laca e Monteverde, proprietaria em Reguengos e madrasta dum menino muito fino e talentoso.

Este menino prodigo, coitadinho, é tradutor das obras do Gerald, e publicou um tratado sobre a origem do chato, mas eu ainda o não li.

Vai também à «Brasileira», — à do Chiado, entendido, e fala só com artistas. Olho azul, bigode loiro, palmas cós de alga jovem e fato cinzento, às riscas.

E' fácil reconhecer-lo: Olhos grandes cós de rola perdida num pinheiral. (Que fina imagem, não é?) Mas não o tomem por tólo nem julguem que é anormal.

Pelo contrario, ele é tudo quanto há de mais vulgarídeo; e quer que o tratem por «tu». Só tem um fraco, coitado: adora que os camaradas lhe digam: «Amelia, ú...»

LUIZ ILARIO.

Caçado pela rúga vigilante, na Travessa da Palha, embora nos seus modos elegante e virgem de navalha, lá foi levado ao Posto com intimo desgosto duma tal Pepa, que era sua amante.. Dentro da esquadra é logo interrogado:

— «Como te chamas?» — Chico Coça-e-quinta.
— E' nome apropriado, mas eu quero o teu nome de família.
— «Só sei que minha mãe era Virgilia e morreu pequenina...»
— «Quantos anos de idade?»
— «Oh senhor! se eu não sei quando nasci, como quer em verdade que eu saiba quantos anos já vivi?»
— «E profissão? E emprego?»
— «Saiba vocencia que desempregado...»
— «Bom, mas antes de estar no desemprego, qual era o teu mister nobre e honrado?»
— «Também desempregado, infelizmente...»
— «E antes disso? Confessa francamente. — «Antes disso, também...»
— «Também desempregado?... Sem ofensa, és, pois, desempregado... de nascença? — «Perfeitamente bom! E oxalá que por sorte eu continue assim até à morte!»

ANTONIO AMARGO.

O premio Nobel-Prazer

o amigo tradutor

Com aquela mania de saber todas as línguas, o Prudencio Venciano já por algumas vezes que ia ficando mal. Sempre que podia, o Prudencio gostava de mostrar perante os amigos o que sabia acerca de idiomas. Quasi sempre acabava por ficar mal, porque os dotes linguísticos que possuía eram nulos. Mas no entanto, o Prudencio continuava sempre com a pretensão de ser sapiente e, como era esperto e inteligente, com uma habilidade rara, defendia-se sempre das asneiras que fazia e com duas aldrabices acabava quasi sempre por sair limpo dos sarilhos em que se metia.

Sempre que via um turco, um espanhol, um francês, um inglês, um suíço, um brasileiro, ou qualquer outro estrangeiro, o nosso Prudencio chegava-se logo à fala e ai estava ele a dizer toda a casta de baboseiras que lhe cheirava aos labios.

Ora, ainda há poucos dias, o Prudencio se meteu de novo a falar com gente estrangeira. Desta vez foi com um chinês que por ai vende pérolas. O pobre do chinês chegou-se junto a nós e pretendeu impingir-nos varias bugigangas. Eu, para gosar o Prudencio, disse-lhe:

— Olha, interroga o chinês sobre a guerra sino-japonesa.

O Prudencio não vacilou um segundo. Abelrou-se do chinês e sem mais nem menos perguntou-lhe:

— Tom-pom-chon-la-mim. Fó-tehim-kai-pó-lari-lolé. Pin-tin-laró-laró. Pananico narango, có-chim!

O chinês, ao ouvir aquilo, não pestanejou e respondeu imediatamente:

— Chan-Pai...

Voltei-me para o Prudencio e, desejando saber o que lhe tinha dito o chinês, preguntei-lhe:

— O que foi que te disse o china?

— Ora, — respondeu o Prudencio — disse-me que aquilo agora, por Changai, vai melhor, que já se chegou a um acordo, que os japoneses já recuaram vinte quilometros, que os chineses também já recuaram trinta quilometros, que as nações não se metem no conflito...

— Isso tudo? — disse eu, admirado.

— E mais, disse muita, mais. Mas ouve o resto. Também disse que não deverá haver nova guerra, que a China deseja a paz, que a S. D. N. muito contribuirá para o termo do conflito, que o Japão, no final, e que a Inglaterra espera levar a bom termo todas as suas fin, o que deseja é proteger a Chidemarches para a solução.

Fiquei admirado e, por curiosidade, disse ainda ao Prudencio:

— Olha, pregunta-lhe agora sobre se está satisfeito cá em Portugal.

E o Prudencio lépido engatou a linguagem chinesa.

— Pim-pó-kókórókó-Tatá-mi-enl, Pitó-Pim-Tehim.

E o chinês, respondendo:

— Tim-lin, Bai-kai-rai-mai, Pim-kalai, mariolai-Sim-pum-chung, Nan-plu-tchin.

— O que foi que ele disse? — preguntei, interessado.

— Que sim, que está bem.

MANOEL DUQUE.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes



— Aqui onde voce as vê, estas garrafas tem 50 anos!
— Acho-as pequenas para a edade

Serrão Mundana

Aniversários

Não fez ontem anos, como estava anunciado, por motivo de ter estado o tempo chuvoso, o sr. Humberto Rosado de Melo, abastado comerciante da nossa praça da Figueira.

Casamentos

Casou-se ontem, pela sétima vez, em segundas nupcias, a gentilissima viúva do sr. Francisco Evangelista, que há anos tivemos o prazer de acompanhar à sua ultima morada.

Doentes

Sofreu ontem mais uma lavagem de estomago, por excesso de bebidas alcoólicas, o sr. Henrique Bastos, a quem por esse motivo felicitamos.

Pontos de reunião

Reuniram-se ontem vários pontos numa reunião que a polícia se tornou suspeita, pelo que a reunião foi suspensa e os pontos conduzidos ao Governo Civil.

Na Costa do Castelo

Não tem estado muito animados os bailes no Casino desta localidade, principalmente por não haver cá casino.

No Coliseu

Contra o que se esperava, não faleceu ainda nenhum dos bailarines que no Coliseu disputam o campeonato do mundo. Parece que, em vista disso, alguns espectadores estão divididos a reclamar na bilheteria a importação das suas bilhetes.

Nascentes

Devido a um lasso, foi encantada em agravado, escudo de gravidez, Melle Lili Mergulhão. Subsidiando esse a creança seja fêmea ou macho, vai a mãe ser atendida a uma radiografia e em seguida a uma radioterapia que resolverá o assunto.

• Com grande entusiasmo, deu ontem a luz um anfíbio do sexo masculino a esposa de nosso amigo Mário Sora, Carlos Redinha e Antônio Costa. Foi convidado para padrinho o conhecido filantropo sr. Alexandre Ferreira, motivo porque o nascituro vai receber o nome de Afonso.

Baptizados

No Conservatório da R. dos Caetanos, foi ontem baptizado o menino Manoel Braz, que recebeu o nome de Chico. Como ao receber o nome se negasse a entregar o respectivo recibo, foi-lhe este tirado novamente, pelo que passará a jogar na segunda divisão da A. F. L.

• Pretendeu ontem registrar um filho o nosso amigo José Rodrigo de Mergulhão. Como só se aceitassem registo até às 5 horas, teve o pequeno de seguir como amosta sem valor, pelo que chamamos a atenção do Colegio dos Arbitros Avindores.

Partidas e chegadas

Partiu ontem uma chavena de chá, quando lavava a loiça, a criada do nosso amigo E. Pires. O Pires protesta contra a perda da respectiva chavena.

• Não chegou a enganar o marido a Melle Maria Adelaide Silva, que no entanto já declarou, num grupo de amigos, que vontade não lhe falta.

• Chegou a roupa ao pélo ao marido a nossa velha amiga C. P. R. R. (Mexilhão).

A. N.



— E não tem medo de cair comigo?
— Não! Tenho um coração que é um para-quedas

DESPORTOS

CAMPEONATO

Pode dizer-se que foram muito aborrecidos os últimos desafios do balão redondo, que é uma espécie de loucura muito em voga. Tão aborrecidos que não houve paneadaria nem correrias! Mas um caso se deu ainda para maior espanto, se é possível: os árbitros foram muito bem tratados, tanto pelo público, como pelos jornalistas! Nem parecia que se estava num jogo da bola.

Que saudades tivemos do Sporting-Benfica, tão cheio de coisas engraçadas!

Que saudades tivemos do União-Luso!

Assim, tal qual como decorreu, o Benfica-Chelas não passou dum a sensabotia.

A nota saliente deste encontro foi dada pelo Benfica, que não era assim marcação goals elas no primeiro tempo. Os de Chelas rebuliavam, riham e saltavam de contentes. Os das Amoreiras, apesar de confiados na vitória, não deixavam de apresentar tristeza e preocupação.

Um vermelho das quatro costas daria a nosso lado:

— Querem ver que o Benfica é eliminado...

O segundo tempo foi a aurora da redenção. O Benfica enfiou meia duzia de goals, a cantar o Teodoro e o Burrié...

A marca do Canuto continua a acreditar-se, transformando-se numa das marcas mais acreditadas do mercado. Os barreirenses

tiveram que se pôr na piresa para o Barreiro... sofrendo a feroz perseguição de três goals atormentadores.

A união que dera resultado contra o Benfica ficou pelas ruas da amargura contra os leões, que são os reis da selva. O leão venceu a aquia. O leão venceu a união, que é o símbolo da força. O que é que o leão precisa de fazer mais para mostrar que é o rei dos animais?

O Fosforo não mostra inflamação. Da-nos a impressão de sete fósforos estragados. Dizemos que o fabricante, chamado Marques da Silva, é bom. Mas, se assim é, porque é que ele não modifica a fórmula dos fósforos? Porque não faz elas uma pequena viagem pela província, à semelhança deles? Sóis eu que falo a mim, o melhor remedio para o Fosforo...

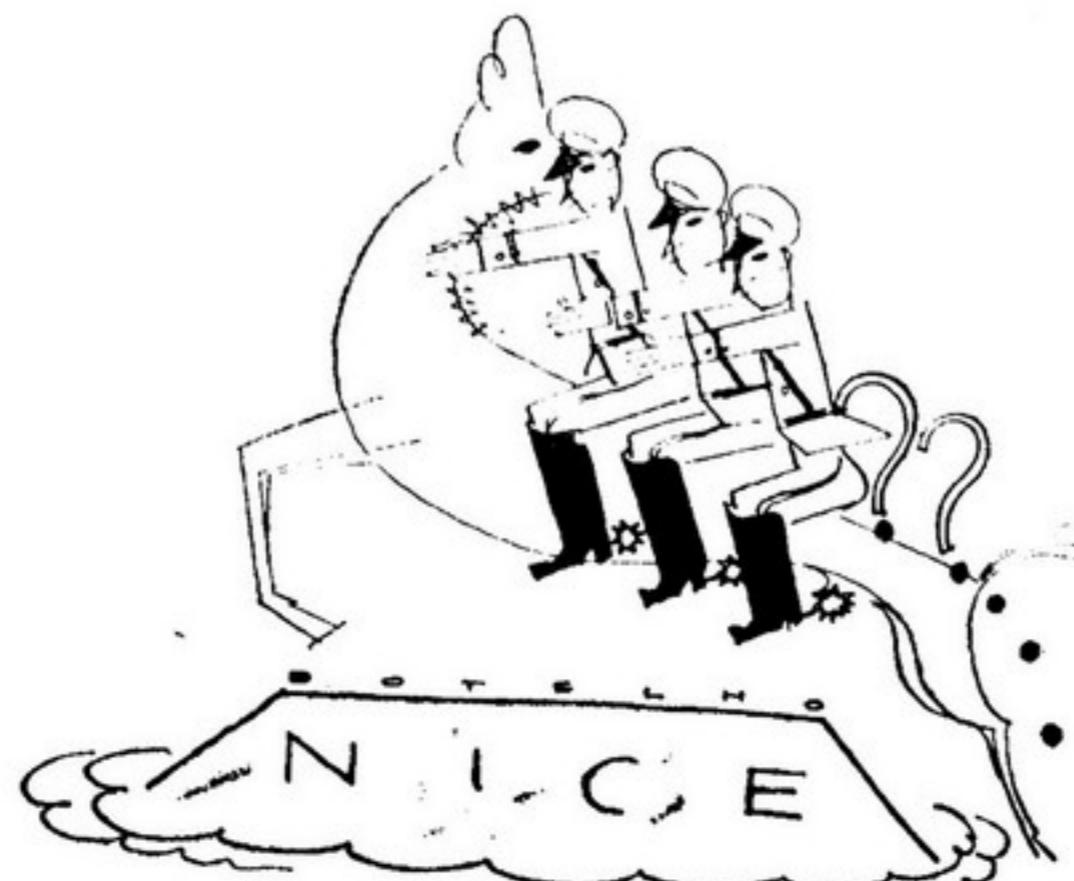
A primeira fase do campeonato acaba dentro em pouco. Dizemos que o jogo Benfica-Luso vai ser uma coisa faltada.

Os lutes têm fama na história. Jamais alrude lhe pos o pé à frente...

Mas os bichos de seda das Amoreiras também não são pessoas que deixem um campeonato ir à viola do pé para a mão. De maneira que o embate bichos de seda-pastores de Herminio está sendo aguardado com grande e justificado interesse...

JONICA.

Quem vai a... Nice?



Sortes grandes?
só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Vai o Ivens... Mena e Beltrão... falta Ciorão e Fulão...

A retalho

Alguns trocadilhos brasileiros:
— Muitas vezes, no teatro, uma virgula atrapalha o ponto.

— Quem à mesa de jogo se senta, se tenta.

— Para bem tocar flauta, são precisos labios macios, em...boca...dura...

— Nos processos desaforados é desaforo o juiz negar o desaforamento.

— Camaleão é um homem que dá cama a leão.

— Se venderes a consciência, vende-a com ciencia.

— Um fantasma que nos apareça, mesmo à sombra, não nos assombrá.

— Se for eleito papa algum cardeal chamado Gaio, ficará sendo o papaficio.

— Ira empregos — diz um beirão — que se a-chi-acham.

— Não, a sua criada Natividade não é preguiçosa. Quando vai a sua casa, encontra sempre a Natividade na actividade.

— É uma ilusão negar a realidade.

— Prenunciando-se a um médico se um seu doente lá podia comer, aquele respondeu: «Sim, pô... de arroz».

— O Coto recita muito bem e, entusiasmada, a assistência pede bis...coto.

— As eriadas despidas da vaidade vão, mesmo ao domingo, de céstia à feira.

— Há pessoas muito espartanas no trajar. Fazem questão de fazendo de...cor...atira.

Esta é do tempo da defunta monarquia. Um aluno foi matricular-se e pregunaram-lhe:

— O seu nome?

— D. Jové.

— D. José? Esse de que quer dizer?

— Foi uma eria de sua maternidade...

— Então sua maternidade fez isso por graca, e o menino tomou o caso a sério...

Um sapateiro definiu assim o amor:

— O amor é uma bala que só quem a calça é que sabe onde lhe aperta.

Por sua vez, um farmacêutico deliciou-o assim:

— O amor é uma pilula muito amarga, adoeida por fóra para que não repugne ao paladar.



— Que árvores são estas?

— As que o comprador desejar. Hoje os artistas tem de agradar a todos...

Caricaturas



Edição da Renascença Gráfica-Lisboa

Pedidos à RENASCENÇA GRÁFICA

RUA DA ROSA, 57. 2.º

ECOS DA SEMANA

— QUE INFELIZ QUE EU SOU! A TODOS DÃO ESMOLA, E A MIM NÃO ME DÃO NEM A ESMOLA DE UM CARINHO



TEM PICOS A SERRA DA ESTRELA PARA GALCAR... OU PRECISA DE ESTRADAS MAIS LARGAS OU DE AUTOMÓVEIS MAIS ESTREITOS



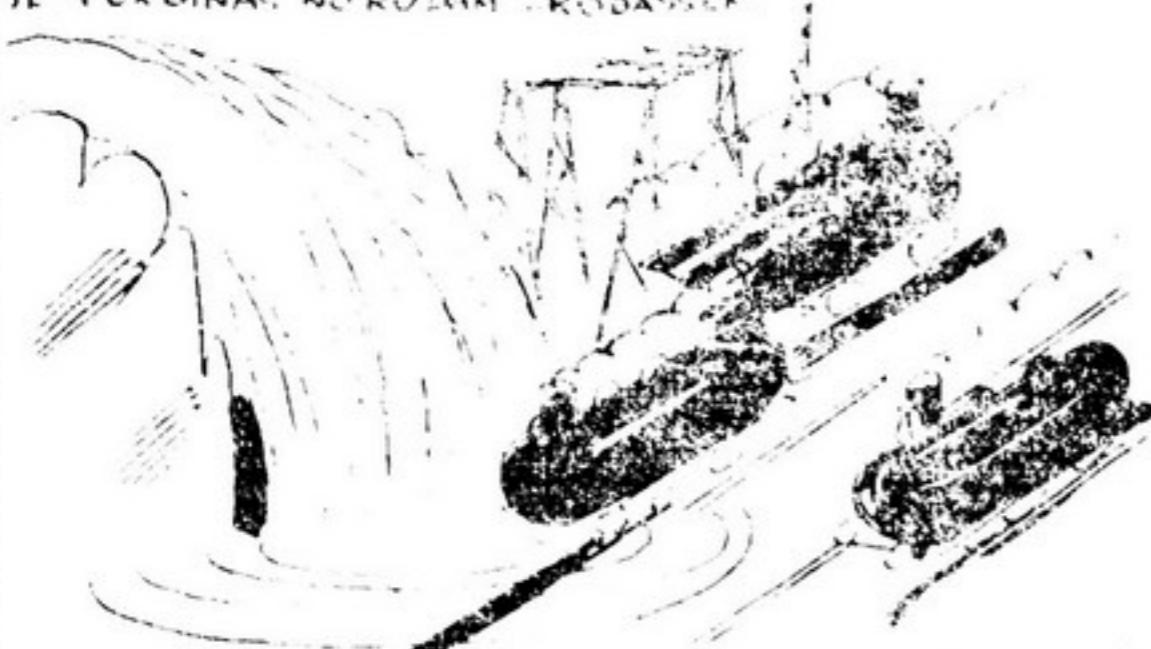
A IMPERIAZ NAZI DELEM
BRASILÉ IN, PARTE DOS
FEMINISTAS, SOU RATA DE FERRO, CON-
TRIBUÍDO — ALHEI RETORNO SISTEMA "COCORAS"

BAIRRO MODERNO DO DR. JOSE DE ARRUELA

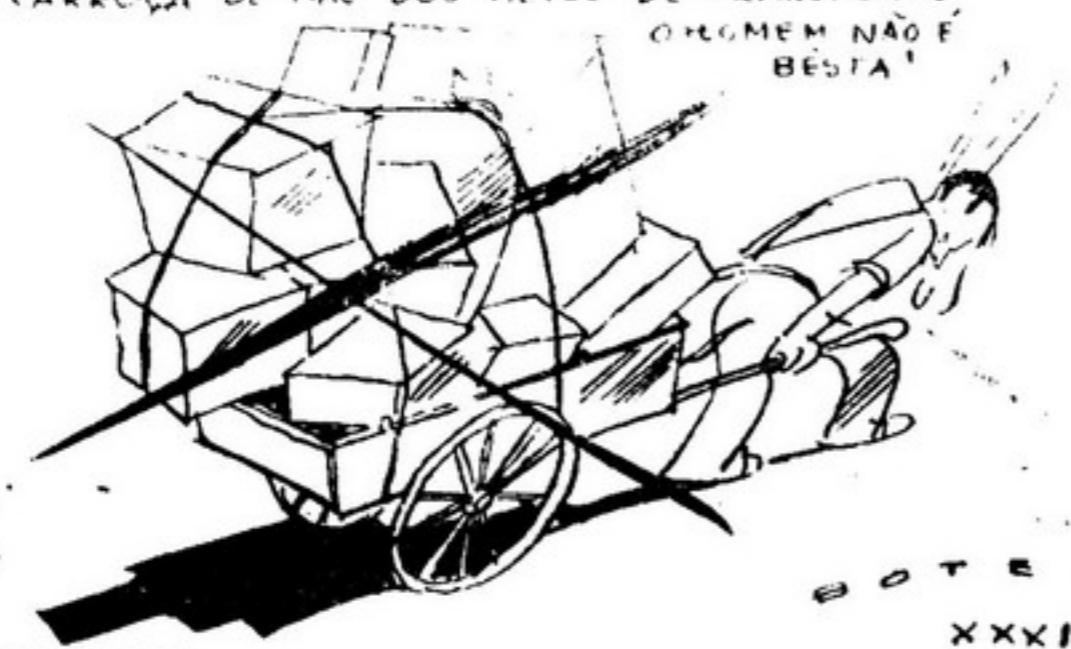


A VIDA CIVIL
DO
SÉCULO XX

PARABENS! NOVOS COMBOIOS VÃO RODANDO, MAS NÃO RODAM... DE TURBINA! NO RODAM... RODAM!



APÓIO ESTUDANTES DE MEDICINA. RISQUEMOS A CARROCA DE MÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTE. O HOMEM NÃO É BÉSTA!



BOTELHO
XXXII



SEGUNDO PAIXÃO HITLER
VAI QUERER AS ULTIMAS
MEIAS DA ANTIFIGO...



E CHEGOU A PRIMAVERA SEM CARA DE PASCOA E A PASCOA SEM CARA DE PRIMAVERA

